

**A POÉTICA DE ARNALDO ANTUNES: DA PALAVRA AO TRAÇO EM
(DES)CONSTRUÇÃO**

Lívia Bertges (UFMT)

Vinícius Pereira (UFMT)

Resumo: O traço fragmentário da palavra ressoa na poesia contemporânea brasileira em sua hibridização com outras manifestações artísticas. A palavra na poesia, desdobrada em letras, (des)construída em traços, abre caminhos para metamorfosear-se em formas e sentidos diversos. Nesse contexto, Arnaldo Antunes, na condição de poeta, músico, compositor e *performer*, brinda-nos com uma vintena de obras literárias em que abundam (des)construções verbais a explorar a visualidade, principalmente a partir da aproximação entre a palavra e o desenho. Os procedimentos e as estruturas de hibridação vinculados à letra e ao traço são recorrentes nos poemas de Arnaldo Antunes. Para entender como se dá o processo de (des)construção nessa poética, escolheram-se duas sequências de poemas, as quais são analisadas sobretudo sob as perspectivas semiológicas francesas, que abordam a linguagem verbal como escritura e em interação com outras linguagens, principalmente no que tange às significações dentro do universo literário. Assim, adota-se o suporte teórico de Kristeva (1974), Roland Barthes (1987, 2004) e Jacques Derrida (2013, 1991) a fim de pensar a linguagem poética e as interseções entre o grafema e o rastro de toda incisão sobre uma superfície.
Palavras-chave: Arnaldo Antunes. Poesia. Visualidade

Um livro de poesia não se lê apenas. Com um livro de poesia se convive.

Arnaldo Antunes

Poemas compostos de palavras, poemas feitos de imagens, poemas-lentes, poemas que se autoconsomem em (des)construção. É desse tipo híbrido e complexo de poemas, caros aos experimentos de Arnaldo Antunes com diferentes linguagens e mídias, que trataremos ao longo deste estudo. Na interação entre homem e o computador, os poemas também se transformam em objetos que se podem ler, tocar, viver, ou mesmo conviver. Nesse convívio sadio, toca-nos o

desejo de significar, nomear, entender as estruturas desses objetos que podem ser desmontados e vislumbrados a partir de seu interior.

No presente artigo, analisaremos as séries poéticas “voo”, publicada em *Tudos* (2015); e “Volve”, em *2 ou + corpos no mesmo espaço* (2012). Ambos são textos que se desdobram em páginas como em um roteiro de imagens cinematográficas, cujo enfoque é tecer narrativas a partir de movimentos; neste caso, a velocidade do passar das páginas é que faz transitar o movimento das des(construções) de imagens, ideias e desmontagem.

Barthes (1987, p. 11) evidencia que, “[p]ara um texto, a única coisa gratuita seria sua própria destruição: não escrever, não mais escrever, salvo do risco de ser sempre recuperado”. Dessa forma, um poema com desdobramentos, página a página, coloca em risco a noção de referencialidade: do que fala, senão de si mesmo, um poema que se desdobra em variações do mesmo, alterada apenas a distância focal entre observador e observado? Talvez, tais séries poemáticas ensejem uma ruptura com sua própria morte, auto-morte, construção e desconstrução ao mesmo tempo, para assim assimilarem-se ao fazer e desfazer da vida – rotina vida-morte.

Sob tal perspectiva analítica, aproximamo-nos das séries “voo” e “volve”, comentando passo a passo a (des)construção ensejada em cada movimento das estruturas que compõem tais textos. Para tanto, reproduzimos, ao longo das análises, as páginas em que as séries vão se desenvolvendo, conforme projeto gráfico dos livros em que foram publicadas. Reconhecemos, porém, que a transposição dos poemas do suporte do livro para o artigo, na forma de imagens digitalizadas, afeta o processo de recepção, uma vez que se perdem os efeitos de transição de páginas entre os elementos das séries poéticas.

Um “voo” em (des)construção

A série poética “voo” começa com o que não se sabe ser um título ou já um primeiro poema da série de (des) construções. Conforme se nota na Figura 1, na primeira página encontra-se a palavra “voo”, grafada em fonte pequena, solta na página vazia. Diagramação de título ou poema já em voo, mirado de longe contra a página que faz as vezes de céu?

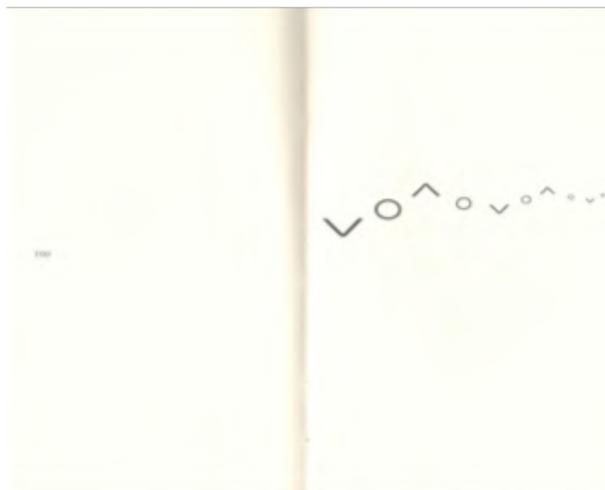


Figura 1: Poema “voo” (ANTUNES, 2015) – primeira e segunda páginas

Já na segunda página, ao centro encontra-se uma flutuação de cinco “V” (de cabeça para baixo e para cima) e cinco “o”. Em representação gráfica de movimento ondulante, nota-se a palavra “voo” desmembrada em um rastro visual, na medida em que o tamanho da fonte vai decrescendo e sua disposição sugere a criação de novas palavras: “VÔ” e “OVO”. O jogo de des(construção) gráfico de uma palavra fomenta o encontro com outras novas; entretanto, o formato das letras, algo semelhantes a triângulos e círculos, remonta à ideia figurada de um voo, que ganha e perde altura no espaço da página.

Nesse procedimento, o elemento gráfico: “(...) designa o acesso ao elemento literário, àquilo que na literatura passa por um texto irredutivelmente gráfico atando o jogo da forma a uma substância de expressão determinada” (DERRIDA, 2013, p.72), em que forma e substância designam o literário e a (des)construção das letras em imagens, desenhos e formas multissignificantes.

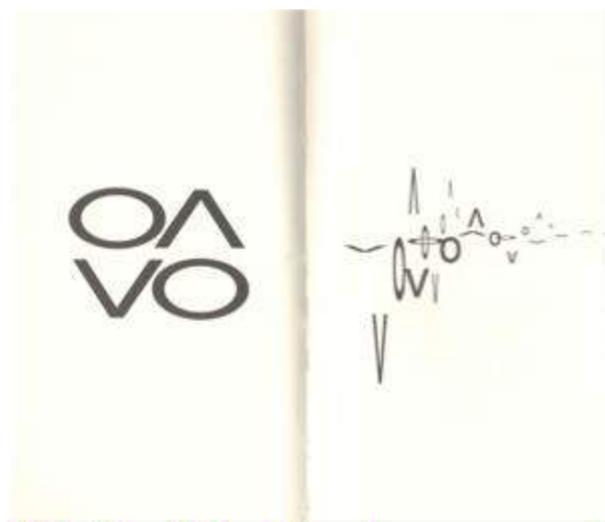


Figura 2: Poema “voo” (ANTUNES, 2015) – terceira e quarta páginas

No poema seguinte da série, mais uma vez os grafemas se localizam no centro da página, só que agora na forma de dois “V” e dois “O” preenchendo um terço do espaço disponível. As imagens das letras se justapõem formando um quiasma, o qual permite a leitura em vários sentidos (na ambiguidade que a palavra carrega, enquanto vetor e significação): “VO”, “VOO”, “VOOV”, “OOV”, “OOVV”, ou mesmo “OZO”. Se nos ativermos à leitura do neologismo poético “OZO”, a junção dos dois “V” forma uma letra que não está explicitamente grafada no poema. Além disso, as hastes dos “V” que quase se tocam podem ser vistas como um traço espelhado, em que os dois “o”, na verdade, são um a imagem do outro, com isso. Tal jogo de objeto e imagem, figura e sombra reforça a conjuntura entre forma e conteúdo que esta leitura enfoca, seja em termos meramente gráficos, seja no âmbito da significação. Afinal, todo voo pode ser um espelhamento de desejo que só é refratado na poesia, no espaço do espelho, no ver o outro que é um eu.

Corroborando tal interpretação, Antunes (2014) comenta a respeito da poesia das palavras, quando escreve o texto “A origem da poesia” para o livreto de um espetáculo: “As palavras se despregam das coisas, assim como os olhos se despregam dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade” (ANTUNES, 2014, p. 26). Com isso, as formas de voos também podem ser diferentes: o “desapegar” das palavras, ao ganharem dimensão gráfica icônica, dá proveito ao visual das letras e este abre espaço para um universo criativo mais complexo: palavra, letra, imagem e traço em (des)construção.

Na quarta página da série poemática, aparecem destorcidas e sobrepostas todas as imagens apresentadas nos poemas anteriores do grupo “voo”. Como em camadas (de sentido e de impressão entrecruzadas, os poemas convergem para uma simulação tridimensional, encaixando-se em um novo poema composto de outros voos. Tais voos parecem distendidos horizontal e verticalmente, e o volume do novo poema, concentrado ao centro da imagem mesclada, sugere a ideia de crescimento e de um desabrochar de letras “V” e “O”, que se tocam e interpõem e sobrepõem. Tais movimentos mais um vez retomam iconicamente a imagem de um voo.

Segundo Kristeva (1974), o signo poético é ambíguo; em decorrência disso, o espaço da linguagem poética também ampliará sua mobilidade e, dentro dela, no desvio dos padrões, a lógica discursiva será corrompida para ceder espaço ao poético e às implicações mais variadas de sentido que lhe subjazem. Tentar estabelecer sentido na linguagem poética é um desafio de um ser e não-ser, de significar e não significar, nos jogos de preto e branco da tinta sobre o papel, tão caros aos regimes da escrita e do desenho.

Na quinta página da série poética, há uma retomada da estrutura em quiasma do poema da terceira página, mas com a substituição dos “O” por duas imagens de olhos. Desta vez, a entrada da imagem icônica refaz o bordado dos olhos, para os quais a letra “O” é metonímia por uma questão de formato circular, bem como por representar a inicial da palavra “olho”.

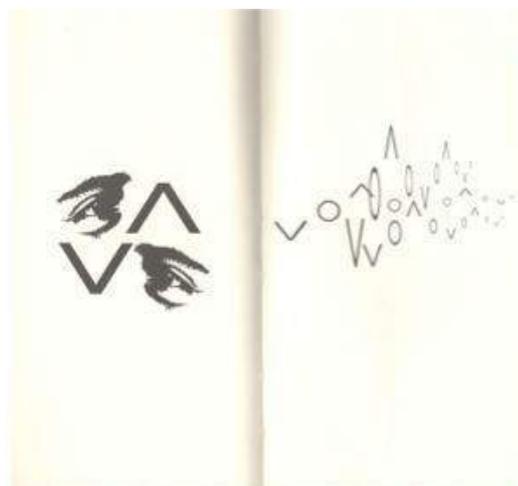


Figura 3: Poema “voo” (ANTUNES, 2015) – quinta e sexta páginas

Os olhos que afiguram nessa página também participam da noção de espelhamento que havia no quiasma da terceira página, reforçando os jogos visuais que todo espelho engendra. Aqui, um olho projeta-se para a página posterior e outro mira fora do livro, sugerindo uma troca

de olhares durante um voo e um intercâmbio entre os poemas que constroem a sequência de “voo” .

Após nova transmutação, chegamos à sexta página da sequência, onde o próximo poema, mais uma vez, assemelha-se a uma montagem de todos os elementos anteriores da série, mas agora com um número maior de letras “V” e “O”. Estas, como aves, saem de “OVO” e se põem em “VOO”, palavras que cintilam no movimento desses grafemas na página.



Figura 4: Poema “voo” (ANTUNES, 2015) – sétima página

Na sétima e última página da série poética, defrontamo-nos com os dois olhos que integravam a composição da quinta página, mas agora sem a intermediação de letras. Mais uma vez, miram desencontrados e, mais do que um objeto olhado, indicam o ato de olhar em si. Nesse processo, os olhos entreabertos podem derivar de traços semelhantes às formas geométricas recorrentes na série: triângulos e círculos. Afinal, é como triângulo que se articulam a borda dos olhos e as sobrancelhas, ao passo que o globo ocular é aqui círculo que vê (e é visto).

Do desmembramento da palavra “voo”, na primeira página, às suas (des)construções, nas páginas subsequentes, a série poética parece não ter fim quando sugere olhares ou pontos de vistas em sua última etapa: tudo é uma questão do modo como se vê. Isto posto, os movimentos de replicação dos poemas e suas respectivas mudanças dão-se justamente na medida em que as imagens se transformam a partir do “olhar” ou do ponto “de onde se olham” os textos, para assim, ensejar uma tentativa de

significação. Desta maneira, um movimento de “Voo” e um desenho de “dois olhos” podem suscitar uma mesma noção transcender limites do papel e alcançar um movimento estético para além da página e da palavra, em uma poética da (des)construção.

Série “volve” em (des)construção

A série poética “ volve” constitui-se a partir de um jogo visual com a palavra que lhe dá título (primeira página), como flexão do verbo “volver”, cuja significação estaria vinculada à movimentação, ao giro e à mudança de direção. Nesse empreendimento, o poema também é desdobrado em páginas, formando uma série em que a palavra “volve”, já na segunda página, aparece centralizada e seguida de uma vírgula. Nota-se ainda que o vocábulo está envolto por uma mancha negra, à guisa de moldura, que delimita um espaço na página.

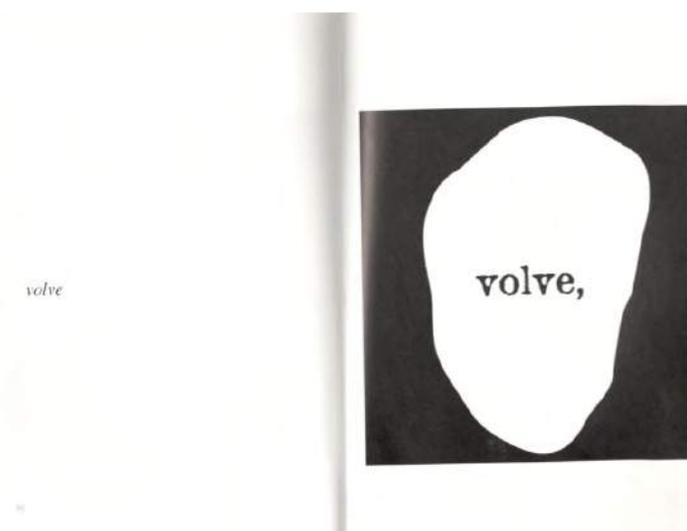


Figura 5: Poema “volve” (ANTUNES, 2012) – primeira e segunda páginas

A irregularidade da moldura em torno da palavra central parece-nos algo relevante no que tange à visualidade ensinada no poema. A sensação de um pingo (verbal) ter aberto uma fresta branca em meio ao espaço preto mostra uma ruptura espacial que abriga algo verbal. Como que pelo movimento do foco de uma câmera, ou de um olho que persegue o signo verbal no ato poético, assim desdobram-se os novos poemas da série, simulando a aproximação de uma lente em busca de um foco verbal.

A velocidade do movimento dessa lente, resultante de uma articulação entre espaço e tempo na passagem das páginas, é produto de um truque gráfico, em que se mantém o mesmo espaço em branco nos novos poemas, mas com uma pequena alteração do tamanho das letras da construção “volve,”. Como se nota na terceira e quarta páginas da série, à medida em que se aumenta a aproximação da lente usada para estabelecer sentido do poema, a imagem verbal focalizada vai sendo incorporada à parte preta da moldura.



Figura 6: Poema “volve” (ANTUNES, 2012) – terceira e quarta páginas

Na quarta página desta série, é possível ainda identificar o desaparecimento da vírgula, que é incorporada na matéria preta para página, ao mesmo tempo em que o “v” inicial é parcialmente expulso do campo visual da lente, restando somente um parte do grafema, enquanto o “e” parece encostar na borda oposta.

Essas transformações realçam o que afirma Anne-Marie Christin (2006, p. 68): “O traço é o depósito de um gesto que visa representar um ato de enunciação; o suporte sobre o qual se insere não exerce nenhum efeito, senão puramente acidental sobre o seu percurso, o traço o ignora” (2006, p. 68). Assim, o traço, seja no papel, seja na tela, remonta a um enunciação cujo gesto reordena a maneira de entender a arte e dela decompor o poético de um gesto, de uma escolha visual e verbal, incluindo suas desfigurações e intercessões. Esse traço, ou gesto artístico, sugere a opacidade da imagem das letras que, na quinta e na sexta páginas da série, vão aumentando à medida que o foco se aproxima e transforma, pouco a pouco, a palavra em letras tortuosas. Estas vão se incorporando sob a mancha no entorno da página, ensejando poemas que, isoladamente, têm baixa interpretabilidade imediata, bem aos moldes do que Roland Bathes (2011) postula sobre a assemia, como um jogo sêmico em que a falta de significação pode compor uma organização sistêmica do signo poético. A assemia, como um regime

antropológico de sentido, emergiria nestes dois poemas da série como resposta para um significação sempre fugidia, escapando ao campo visual da lente.

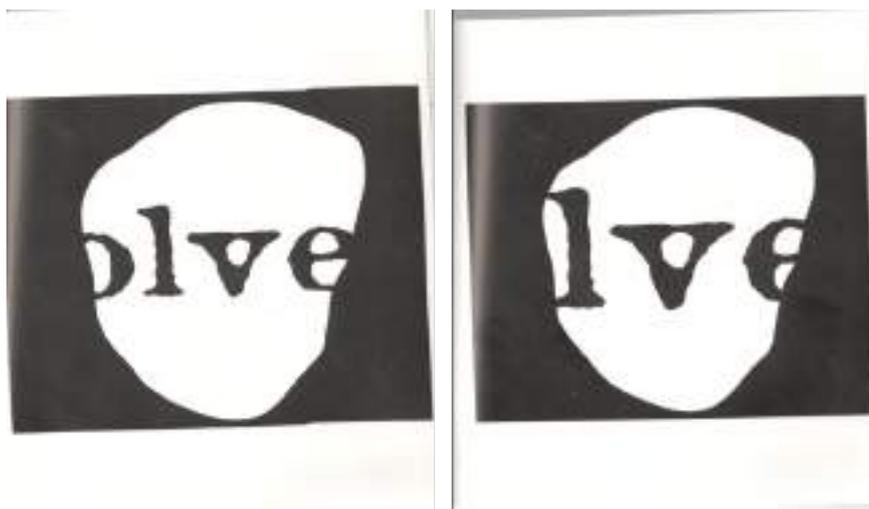


Figura 7: Poema “volve” (ANTUNES, 2012) quinta e sexta páginas

Ainda na quinta e na sexta páginas da série, desaparecem, progressivamente, as letras “o”, “l”, “v” e “e”. Nesse jogo de incorporação do signo aparentemente verbal, há uma hibridação da visualidade como uma noção de origem de tudo que se pinta, ou mesmo que se escreve. As (des)construções começam a se radicalizar e a aproximação da lente aprofunda-se. Mais uma vez, a moldura permanece intacta e as letras aumentam cada vez mais borradas, como se num zoom desmensurado da câmera.

Neste sentido, o conceito de Derrida de rastro (2013) aponta-nos a ideia de que a escrita é a origem perdida (concebida apenas em ausência) da significação, contrariando, pois, a noção de *phoné*. O rastro é aquilo que une, neste poema, as noções de visualidade e verbalidade. Não nos bastaria apenas acompanhar o jogo da câmera revelador de uma narratividade na transição dos poemas; há que se compreender também como se percorre o rastro entre visual e verbal em uma cadeia de significância nos poemas.

Nesse processo, a assemia barthesiana (2011) continua a imperar como possibilidade dentro do polissêmico processo textual de Arnaldo Antunes. Se o rastro é aquele que remete a uma origem primeira, a visualidade contemplada no poema reforça uma aparente falta de sentido verbal em contraste com a rica narrativa visual.

Tal dialética entre verbal e não verbal, assemia e polissemia, é renovada nos seguintes desdobramentos da série poética, em que a letra “V” se torna o único grafema da página, para logo ser absorvido também pela margem.

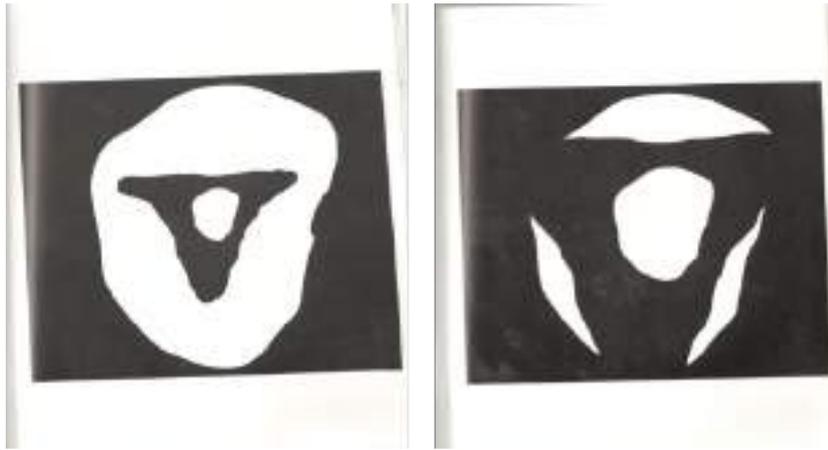


Figura 8: Poema “volve” (ANTUNES, 2012) sexta e sétima páginas

Nesse processo, ainda maior fica a letra “V” no centro da área branca limitada pela moldura preta. Na última figuração da série, o “V” aparece quase despido de seu aspecto verbal, assemelhando-se ao puro traçado visual de um triângulo preto com uma mancha branca no centro, o que replica o jogo entre figura e moldura operado ao longo de toda a série.

Aqui complementam-se os conceitos de rastro (DERRIDA, 2013) e assemia (BARTHES, 2011), pois se sobrepõe a visualidade da escrita em detrimento de sua significação fônica na constituição dos poemas. Isto não quer dizer, porém, que a visualidade não carregue consigo uma significação, mas que ela existe, como risco, ou traço, em relação de ausência com a significação.

Em sequência, desdobra-se a série em mais um poema, agora completamente visual. Há na página somente o centro do “V” anterior, que se configura como mancha branca dentro da nova moldura preta, formada pelos traços da letra de que a lente se aproximara. Trata-se, pois, de um novo foco, um novo centro para enxergar um novo movimento de (des)construção.

Do “V” ao seu traço último, contempla-se a mesma fronteira pré-estabelecida, moldurada para ocorrer um movimento idêntico ao da sequência poética inicial, mas agora com uma outra palavra formadora: “desen”.

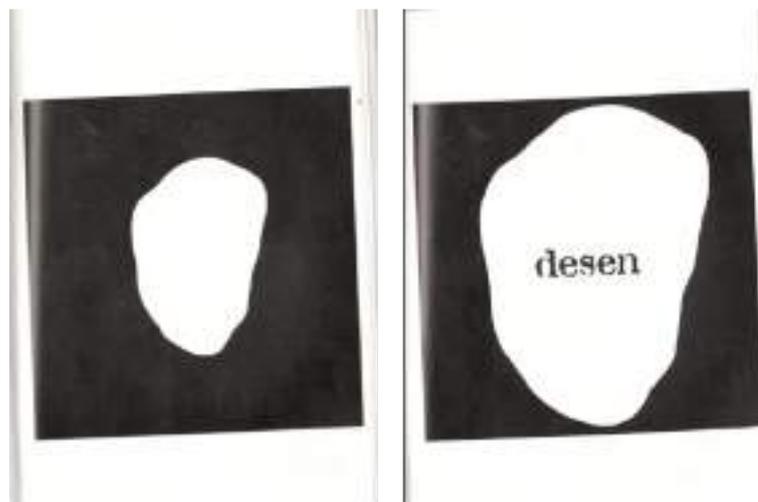


Figura 9: Poema “volve” (ANTUNES, 2012) oitava e nona páginas.

É inevitável não relacionarmos a cadeia semântica aqui ensejada pelos elementos verbais que compõem a série poética: nas desconstruções de “volve”, revelam-se os prefixos “des-” e “en-”, que formam as palavras “envolve” e “desenvolve”. A primeira nos ajuda a entender a visualidade do poema a partir da mancha negra envoltória da palavra em desconstrução; já a segunda reforça o movimento de criação de novos poemas a partir de um primeiro elemento da série, do qual o olhar se aproxima, fazendo da palavra pura visualidade.

Os escritos compõem uma paisagem em miniatura, que o escritor-pintor-calígrafo coloca-se a representar e o leitor a tentar significar. O ato de escrita caminha para o movimento plástico e pode ser entendido como uma mesma interface, em que o leitor torna-se aquele que aprecia e descreve a experiência de ler e ver os poemas. Da mesma maneira, a tela ou a folha de papel comportam-se como um vazio a ser ornado, decorado ou preenchidos por imagens, sejam desenhos ou letras. As palavras, vistas de tal forma, podem ser uma moldura para um gesto da enunciação.

Considerações finais

Chama atenção nessas obras um método ou um procedimento de desenvolvimento da palavra. Este método de (des)construção em séries poemáticas sugere uma montagem visual diferente da que há na lírica tradicional: aqui a visualidade de uma palavra salta de escala ou muda ao longo de diversas páginas pelas quais se estende o poema, transbordando em desenhos na fronteira entre o verbal e o não verbal. Deste modo, as séries poéticas “Voo” e “volve” podem ser lidas com enfoque no procedimento de (des)construção da palavra em traços que

fomentam a visualidade, dando-se a ver, nesta leitura refratada, a miríade de sentidos subjacente aos dois poemas-desenho de Arnaldo Antunes.

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **Outros 40**; organização João Bandeira. 1ed. São Paulo: Iluminuras, 2014.

_____, Arnaldo. **Tudos**. 1ed. 9. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2015.

_____, Arnaldo. **2 ou + corpos no mesmo espaço**. 1ed. 9. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2015.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

_____, Roland. Uma problemática do sentido. **Inéditos**, v.1-Teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHRISTIN, Anne-marie. Imagem informada pela escrita. In: ARBEX, Márcia. **Poéticas do Visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KIRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.